



**Cássia Eller
canta seu ídolo**

Cantora grava disco com 14 composições de Cazuza. Pág. 2



**Narração
deslocada**

Uma análise da polêmica de 'O Que É Isso, Companheiro?'. Págs. 4 e 5

CADERNO 2

ANO IX NÚMERO 3.776 □ QUARTA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 1997

Encenadores belgas discutem limites da dança



'La Tristeza Complice', de Platel, que estreou no Carlton Dance Festival do ano passado: "Nossos passos surgem do modo como criamos cada trabalho e têm a ver com o grupo que participa de cada produção"

Alain Platel, Hans Van den Broeck, Koen Augustijnen e Sam Louwyck, do grupo Les Ballets C. de la B., conversaram com o 'Estado' na sede da companhia, em Gent, e anunciaram que voltam ao Brasil em novembro

HELENA KATZ
Especial para o Estado

GENT, Bélgica — Desde seu início, em 1986, Les Ballets C. de la B., a companhia que Alain Platel fundou em Gent, vem construindo um modo de misturar dança com teatro distinto daquele que se desenvolve na Alemanha.

São Paulo conheceu essa estética quando *La Tristeza Complice*, criada por Platel em setembro de 1995, estreou no Carlton Dance Festival do ano passado. Todos os trabalhos de Platel transitam por ambientações semelhantes. O mais recente elege como inspiração aquele brinquedo dos carrinhos que se batem em parque de diversões. *Berenice* abriu o Festival de Hertogenbosch, na Holanda, no fim de abril.

Seus espetáculos são povoados por tipos comuns, desses que proliferam em qualquer cidade, habitantes de todas as camadas urbanas, que expõem, com alta taxa de dramaticidade, o avesso das relações sociais. Platel sempre recusou, e com razão, a tarja de "dança política", para evitar leituras superficiais do que faz.

O próprio nome da companhia indica o seu pensamento sobre dança. Les Ballets C. de la B. quer dizer Os Balés Contemporâneos da Bélgica e é claro que essa jamais foi uma companhia de balé. Além disso, ao iden-

tificar-se como "da Bélgica", chama atenção para a questão da convivência entre belgas e flamengos.

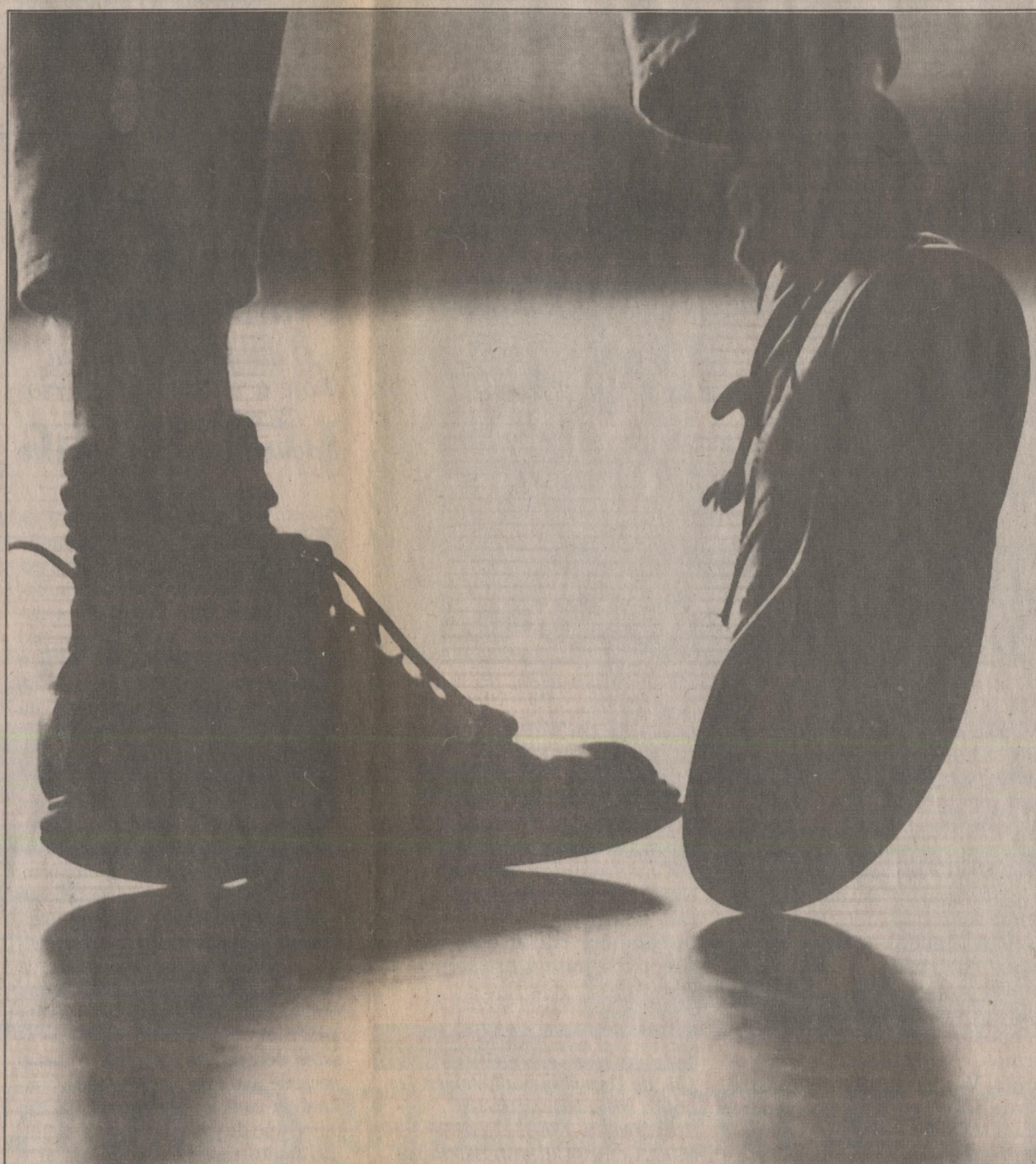
Esse criador flamengo sempre recusou, também, o título de coreógrafo. "Coreografia trabalha com um material bem específico: os passos de dança, mas, no que faço, nunca é assim que ocorre", comenta ele. "Não uso passos prontos, eles surgem do modo como criamos cada trabalho e têm a ver com o grupo que participa de cada produção."

Na sua cena, nunca há heróis, apenas pessoas comuns, e são os fragmentos de situações triviais que acabam desembocando em dança. As coisas frágeis, o que fica na fronteira, aquilo que passa do nada para a significação — o repertório de Platel alimenta-se disso.

Com o tempo, o tipo de trabalho cooperativo que foi implantado acabou

por produzir um grupo de criadores. Hoje, o Les Ballets C. de la B. reúne mais três, nascidos do pequeno núcleo estável da companhia: Hans Van den Broeck, Koen Augustijnen e Sam Louwyck. O mais recente espetáculo de Hans Van den Broeck, *(They feed we)* *EAT, EAT, EAT*, estréia no Brasil em novembro, levado pelo Festival Internacional de Dança de Belo Horizonte (FID).

Alain Platel, Koen Augustijnen e Hans Van den Broeck receberam o Estado na sede da companhia. Platel



'Bonjour, Madame': segundo Augustijnen, os movimentos iniciais inspiraram-se num velhinho

exultava porque havia ganho, na noite anterior, o Prêmio Océ, no valor de US\$ 1 milhão de francos belgas, pela sua contribuição à cultura do país.

Numa das paredes do escritório, uma daquelas placas azuis de decoração que imitam as das nossas ruas, com os dizeres "Copacabana-Rio-Brasil-1996", ostenta a afeição da companhia pelo Brasil. "Desde que Adriana Banana dançou conosco, criando o único papel feminino de *Bonjour, Madame*, o Brasil tem um significado especial para nós", dizem eles, comentando, às gargalhadas, momentos daquela montagem.

★

Estado — O Les Ballets C. de la B. transformou-se num fórum artístico, com vários criadores residentes. Há um planejamento que estabelece quem produz e quando?

Alain Platel — Ainda não estamos organizados para lidar com esse novo fato. Koen Augustijnen acaba de começar um trabalho e eu iniciei o meu, que vai se chamar *Bach*, em outubro, Hans Van den Broeck também vai fazer outro e isso significa que precisamos usar a mesma verba para produzir muito mais. Evidentemente, a matemática não é muito sensível a nossas necessidades e vamos ter de nos organizar melhor.

Estado — Esse novo fórum tem uma mesma linha de trabalho?

Hans Van der Broeck — Nós todos crescemos artisticamente aqui, juntos, e isso implica em contaminação, queiramos ou não. Mas como cada um de nós sempre trabalha independentemente dentro da obra do outro, estimulados pela maneira na qual acreditamos que uma criação nasce, isso facilita o surgimento dos traços mais singulares de cada um de nós.

■ Mais informações na página 6